



MARIA IVANA TREVISANI BACH E A DERIVA DA NAVE-TERRA

Priscila Prado¹
Márcio Matiassi CANTARIN²

Resumo:

Apresentação de *Inquietante Crociera*, ecorromance de Maria Ivana Trevisani Bach, traduzido para o português como *Vagalumes de Cherenkov* em referência ao título da primeira edição italiana, *Lucciole di Cherenkov*. O livro narra uma viagem de cruzeiro que começa com uma trajetória prevista e bem delimitada. Aos poucos, o navio fica à deriva, em uma clara analogia com o planeta Terra, a nave em comum da humanidade. “Comum”, aqui, é o compartilhado, aquilo que pertence e integra todos os seres e coisas. O termo é abordado com ênfase na conceituação para “comum” de Antonio Negri, professor e pesquisador italiano, reconhecido principalmente por sua filosofia política.

Palavras-chave: Comum. Ecocrítica. Ecorromance. Tradução.

Abstract:

Presentation of *Inquietante Crociera*, an ecoromance by Maria Ivana Trevisani Bach, translated into Portuguese as *Vagalumes de Cherenkov* in reference to the title of the first Italian edition, *Lucciole di Cherenkov*. The book narrates a cruise trip that begins with a predicted and well-defined trajectory. Little by little, the ship becomes adrift, in a clear analogy with planet Earth, humanity's common ship. “Common”, here, is what is shared, what belongs to and integrates all beings and things. The term is approached with emphasis on the conceptualization of “common” by Antonio Negri, an Italian professor and researcher, recognized mainly for his political philosophy.

Keywords: Common. Ecocriticism. Ecoromance. Translation.

¹ email: pppradopriscila@gmail.com

² Doutor em Letras pela UNESP (2011). Professor da Graduação em Letras e da Pós-graduação em Estudos de Linguagens da UTFPR e Pós-graduação em Letras da UFPR. Investigador do CLEPUL/Univ. de Lisboa

Introdução

Se o planeta Terra fosse um navio, estaria à deriva, tamanho o descaso de seus dirigentes e habitantes. Tal qual o navio de cruzeiro do livro de Maria Ivana Trevisani Bach, *Inquietante Crociera* que, partindo embora com um roteiro previsto e bem delimitado no tempo e no espaço, gradativamente se desgarrar, perde completamente o contato com terra firme e passa a vagar a esmo, sem comandante, sem rumo. E sem que seus passageiros se importem ou façam algo a respeito, mesmo quando percebem que estão à deriva.

A analogia entre o navio da ficção e o planeta-nave vai se explicitando ao longo da narrativa. Através dos diálogos entre os personagens principais, vêm à tona diversos aspectos das crises que o planeta atravessa e a compreensão de que, tal qual em um navio em alto mar, nave e passageiros estão indissociavelmente ligados por um destino comum.

Uma nave em comum, um planeta em comum, um destino comum. Que significa, afinal, “comum”?

A importância da compreensão do “comum” renova-se permanentemente, seja na esfera política, social, econômica, ambiental. As crises nos mais diversos setores têm origens e fundamentos complexos e dependem de soluções não menos complexas, que levem em consideração o “comum”. No âmbito dos estudos literários, essa importância foi reconhecida por meio do destaque que lhe deu o Congresso da ABRALIC do corrente ano, cujo tema foi: “A Literatura Comparada e a Invenção de um Mundo Comum”.

Nomeadamente de interesse ecocrítico, o assunto segue merecendo atenção, eis que se agravam e agudizam os problemas ecoambientais locais e globais para cuja solução – ou, ao menos, mitigação – a conscientização do “comum” é um passo inicial.

Nesta direção concorre a obra de Maria Ivana Trevisani Bach, autoproclamada Ecopoesia e Ecoliteratura. Em especial o ecorromance *Inquietante Crociera*, em que o leitor acompanha com crescente angústia a deriva de um navio de cruzeiro. Clara analogia ao planeta Terra: a nave comum da humanidade e de todos os outros seres e coisas que a habitam.

Maria Ivana Trevisani Bach, a autora

*“Da questa consapevolezza di responsabilità nasce una nuova etica di rapporto; non più esclusivamente fra uomo e uomo, ma fra Uomo e Natura”.*³

Maria Ivana Trevisani Bach

Maria Ivana Trevisani Bach nasceu em 1942 em Albisola (Savona, Itália), onde reside e trabalha atualmente. Formada em biologia pela Universidade de Gênova, foi pesquisadora nessa instituição e professora do Ensino Médio em Savona.

Nascida Maria Ivana Trevisani, prefere o uso do sobrenome do marido, o engenheiro Pietro Bach, para evitar confusão com outra escritora homônima.

Foi conselheira do Parque Natural Regional do Beigua, reserva natural reconhecida como Geoparque mundial pela UNESCO em 2015.

Publicou numerosos artigos em revistas científicas e literárias, tendo conquistado o prêmio Lerici Pea⁴, *Premio per l’Ecopoesia*, em 2011. Em literatura, publicou também: *Ecopoesie* (Roma: Serarcangeli, 2005); *Il Patto con il Gatto* (Milano: Mursia, 2008); *La Felina Commedia* (2013); *Utopolis* (2018); *Infanzia Sfolata* (2018); *Poesie alla Rinfusa* (2019) – entre outros.

Filia-se ao movimento Ecoart, em cujo âmbito escreveu, em 2005, o Manifesto de Ecopoesia Italiana que, em agosto de 2012, apresentou no I Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica, na Universidade Federal da Paraíba (Brasil).

Publicado em 2017, *Inquietante Crociera* é, em tradução literal, um “cruzeiro inquietante”.

Um cruzeiro inquietante, o livro

3 “Dessa consciência de responsabilidade nasce uma nova ética de relação; não mais exclusivamente entre humano e humano, mas entre Humano e Natureza.” (BACH, 2005)

4 *lericipea.com*, desde 1954.

O livro *Inquietante Crociera*, da italiana Maria Ivana Trevisani Bach foi traduzido para o português brasileiro sob o título de *Vagalumes de Cherekov*.⁵

À primeira vista de fácil leitura - pela linguagem coloquial, pelo frequente recurso ao discurso direto, pela trama que prende a atenção e cria suspense -, a obra tem um caráter de conscientização e alerta quanto à questão ecológica sem, no entanto, afastar-se da qualidade literária, expressa na forma como apresenta o enredo, no uso de figuras estilísticas e de intertextualidades que remetem a outras artes e ciências.

O “cruzeiro inquietante” a que Maria Ivana Trevisani Bach nos convida, é uma metáfora da travessia da contemporaneidade, com as inúmeras crises que, em parte, foram desencadeadas pela própria atuação inconsequente do ser humano. A narrativa elenca algumas dessas problemáticas, quase sempre por meio da fala dos personagens: poluição dos mares, administração desumana da migração de pessoas entre territórios, ganância mercantil desenfreada e irresponsável, entre muitas outras – inclusive a ameaça de vírus que se alastram pelo mundo. Aventa a hipótese de que a ação antropogênica esteja afetando até mesmo o campo magnético terrestre, com risco de inversão dos polos magnéticos do planeta.

O enredo, prosaico no início, desenrola-se numa crescente distopia que, todavia, o leitor atual reconhecerá como a própria realidade contemporânea. As questões ecológicas – também econômicas, sócio-políticas, antropológicas – ganharam ainda mais relevância em face dos acontecimentos locais e globais recentes, em especial desde o início da pandemia do vírus SARS-COV2.

A deriva da nave-terra

“Todo mundo navega sobre o mundo como a arca em cima das águas, sem nenhuma reserva exterior a esses dois conjuntos, o dos homens e o das coisas. Estamos embarcados!”

Michel Serres

⁵ A tradução foi parte da dissertação de mestrado *Vagalumes de Cherenkov* Tradução e Leitura Ecocrítica da Obra *Inquietante Crociera* de Maria Ivana Trevisani Bach (PRADO, Priscila. UTPFR, 2023)
Rile/Jile – An International Peer
Reviewed Journal

O navio à deriva no oceano é comparado por BACH a um minúsculo inseto hidrômetro na superfície de um lago. (BACH, 2017, p. 52) Assim também a nave Terra é um inseto no universo: “A nossa pequena Nave Espacial Terra tem apenas doze mil quilômetros de diâmetro, o que, na enorme vastidão do espaço, constitui uma dimensão quase negligenciável”, conforme Richard Buckminster Fuller (FULLER, 1998, p. 30)

FULLER já afirmava que a humanidade estava “a bordo” do planeta. Terá exclamado antes de Michel Serres⁶ — ambos ecoados pela obra de Maria Ivana: “Estamos embarcados!”.

A imagem também é utilizada por Leonardo Boff:

Somos todos passageiros na única nave espacial Terra. Mas as condições da viagem são totalmente diferentes: um pequeno grupo de super-ricos e poderosos reservou para si a primeira classe com um luxo escandaloso; outros, felizardos, ainda viajam na classe econômica e são servidos razoavelmente de comida e bebida. O resto da humanidade, aos milhões, viaja junto às bagagens, sujeito ao frio de dezenas de graus abaixo de zero, semimorto de fome, de sede e no desespero. Esmurra as paredes dos de cima, gritando: Ou repartimos o que temos nesta única nave espacial ou, num certo momento, acabará o combustível e, pouco importando as diferenças de classe, todos morreremos. Mas quem os escutará? Impassíveis, se saturam de consumismo. (BOFF, 2014, p. 30)

Ele acrescenta: “Metaforicamente esta é a situação real da humanidade. Na verdade, estamos perdidos e num voo cego” (BOFF, 2014, p. 32). Ou seja: à deriva, tal como a nave da ficção que perdeu as coordenadas: “A grande nave deslizava silenciosa sobre o mar pacificado. O sopro do tempo a levava para cada vez mais longe do porto de partida e o seu rastro se apagava na imensidão”.⁷ (BACH, 2017, p. 112) A desconexão é crescente, seja pelo afastamento do navio em relação a qualquer possibilidade de porto; seja pelo crescente desinteresse dos cruzeiristas.

6 citado em epígrafe (SERRES, 1991, p. 54)

7 “*La grande nave scivolava silenziosa sul pacificato mare. Il soffio del tempo la portava sempre più lontano dalla sponda di partenza e la sua scia svaniva nell’immenso.*” (BACH, 2017, p. 112) (traduzi)

Torpor e dissociação compõem a perda de referenciais de tempo espaço como traços distópicos que contribuem para a sensação desta deriva que não é apenas espaço-temporal mas também existencial.

A narrativa provoca também no leitor a sensação de dissolução dos referenciais de tempo e espaço, ao mesmo tempo em que se reconhece na apatia generalizada, na falta de interesse e de perspectivas. A deriva, que a ficção do *Cruzeiro Inquietante* metaforiza, é experienciada em concreto na contemporaneidade tanto individual quanto coletivamente.

Do francês, *dérive*, traz em sua etimologia “perder a margem de vista” (*perdre de vue la rive*). A “deriva” explicita a perda de conexões, com a resultante angústia que a autora foi bem sucedida em transmitir: a nave desencarnada da terra firme, como as personagens, pessoas desencarnadas de quaisquer relações; a nave na superfície da água, como as personagens, pessoas na superficialidade dos temas e preocupações.

Ante a avalanche de informações disponíveis no mundo atual, inclusive quanto à magnitude das crises ambientais, são comuns as estratégias de fuga, negação da realidade, responsabilização de terceiros. Sentindo-se impotente diante das demandas, deliberada ou inconscientemente escolhe-se a alienação. Uma espécie de preguiça em que o ser humano se deixa levar à mercê de suas próprias criações, como mero usuário, consumidor. E resta anestesiado pelo excesso de dados, de distrações e de consumo. Tal qual os personagens de Maria Ivana T. Bach.

Todavia, a desconexão é mera ilusão. Não passa de fantasia a pretensão de escapar à complexidade sistêmica e relacional do planeta. Como diz Bruno Latour: “Não existe cura para o pertencimento ao mundo. Mas, pelo cuidado, é possível se curar da crença de que não se pertence ao mundo...” (LATOURE, 2020, p. 31) É o pertencimento à realidade que dá mobilidade de ação. Proporciona o ponto de apoio aonde firmar a alavanca. Ao invés de mero movimento relativo, em suspensão.

Percebendo o que considerou como uma “propositada omissão do livro de instruções sobre como operar e conservar a Nave Espacial Terra”, Bucky — como R. Buckminster Fuller ficou conhecido — escreveu seu *Manual de*

Instruções para a Nave Espacial Terra onde, já em 1969, falava da “sinergia” e da “teoria dos sistemas” operando nos “complexos sistemas regeneradores de apoio à vida” em funcionamento na Terra e que, portanto, cabe à humanidade observar e aprender com a natureza. (FULLER, 1998, p. 31)

Ao invés de consumir e destruir a natureza, aprender com ela as “valiosas lições extraídas do estudo de ecossistemas, que são comunidades sustentáveis de plantas, de animais e de microorganismos”, uma “alfabetização ecológica”, como designou Capra (CAPRA, 2006, p. 231)

A nave-Terra prosseguirá à revelia da sobrevivência da espécie humana. É o que alertam autores com James Lovelock — com sua Hipótese de Gaia —, mas também brasileiros como Davi Kopenawa, Ailton Krenak, entre muitos outros. E foi a conclusão da *Conferencia Mundial de los Pueblos sobre Cambio Climático y Derechos de la Madre Tierra*, em Tiquipaya, Cochabamba, Bolívia, a 21 de abril de 2010: “A Mãe Terra poderá viver sem nós, porém nós não poderemos viver sem ela.”⁸

A partir dessa compreensão, imperioso buscar a superação do momento crítico do Antropoceno em direção a desdobramentos em benefício comum.

Otimista, Boff acredita que “há uma carta de navegação”: a “*Carta da Terra*, nascida de uma consulta mundial que durou oito anos, sob a inspiração de Mikhail Gorbachev e aprovada pela Unesco em 2003.” (BOFF, 2014, p. 32)

A “*Carta da Terra* propõe-se garantir a sobrevivência da Casa Comum, desde que alimentemos uma ética do cuidado, da responsabilidade coletiva e da interdependência de todos com todos e com a Terra.” (BOFF, 2014, p. 79) Com tal ética por norte, habitar já não é meramente ocupar, dominar, explorar, mas relação, interconexão, cooperação, pertencimento planetário. Pertencimento não no sentido de propriedade, mas sim em sentido de interdependência, de complexidade em que os elementos, vivos, são tecidos juntos numa dinâmica de influências recíprocas.

8 Declaração dos Povos Indígenas do Mundo: “*La Madre Tierra podrá vivir sin nosotros, pero nosotros no podemos vivir sin ella*”. Disponível em <https://cmppc.wordpress.com/category/grupos-de-trabajo/07-pueblos-indigenas/> Acesso em 2022-07-22.

Somos seus moradores, habitantes, cidadãos. Habitamos a Terra numa relação de dever e responsabilidade. ‘Habitar’ não é um estado transitório; ao contrário, implica a imbricação a longo prazo dos seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho. (GARRARD, 2006, p. 154)

A Terra, assim habitada, é este *oikos*, esta casa, este lar em comum.

O comum

“A ecologia — palavra proveniente do grego oikos (“lar”) — é o estudo do Lar Terra. Mais precisamente, é o estudo das relações que interligam todos os membros do Lar Terra.”

Fritjof Capra

Enquanto o navio do cruzeiro ficcional de Maria Ivana Trevisani Bach se afasta da terra firme, qual inseto que se perde no oceano, seus personagens vão se dando conta de que não há outra morada possível a não ser a Terra:

- (...) Aqui nesta nave, fora do nosso mundo, nos damos conta que a Terra é a nossa única casa possível nesta parte do Universo.
- Também é isso que dizem os astronautas.
- Lá de cima, realmente, não se veem mais as fronteiras nacionais, as diferenças de língua, de religião, de raça. Um único destino. (...) (BACH, 2017, p. 110)

Os rumos de todos os seres e coisas estão indissociavelmente ligados aos rumos do planeta. Esta consciência convida à ética do cuidado (BOFF, 2004 e 2014) que “funda um novo paradigma de relacionamento com a natureza, com as pessoas e com todas as coisas”: (BOFF, 2014, p. 116)

Hoje a casa não é mais a nossa casa, mas o planeta inteiro como Casa Comum⁹. A forma como o habitamos de tal forma que todos possam caber nele; não apenas os humanos, mas também toda a comunidade de vida, além dos rios, os lagos, os oceanos, as montanhas, as paisagens e as miríades de micro-organismos, dos quais depende nossa própria vida. Tudo isso

⁹ É Leonardo Boff que destaca a expressão com maiúsculas, enfatizando o quão significativa é.
Rile/Jile – An International Peer
Reviewed Journal

constitui o conteúdo da ética. (BOFF, 2014, p. 112-113)
(itálico no original) (grifos nossos)

A Casa em Comum compreende tudo o que integra o planeta, inclusive as coisas aparentemente inertes. Ao conjunto que reúne todos esses elementos, Michel Serres chamou “biogea” (SERRES, 2012)

Friedensreich Hundertwasser¹⁰ percebe o ser humano como tão intimamente integrado que considera os demais elementos como peles do ser humano: além da epiderme em si, a roupa, a casa, o ambiente — compreensivo da natureza e relações sociais — e o universo.

O adjetivo “comum” tende a desqualificar a coisa a que se refere: algo “comum” é banal, reles, ordinário, sem nada de especial. O dicionário registra, ainda, um outro significado nada enaltecido: “casa-comum” é sinônimo de “banheiro”, “latrina”.¹¹

Mas também pode qualificar o substantivo como algo que “pertence a dois ou a mais de dois, à maioria ou a todos os seres ou coisas” (HOUAISS, 2023). Este último o significado coerente com a metáfora central do ecorromance: o navio como análogo ao planeta Terra, este como a casa compartilhada pela humanidade: nossa casa “em comum”.

Para evitar tal ambiguidade é que, na tradução que fez parte da já referida dissertação de mestrado, para os contextos em que a palavra italiana “comune” aparecia no original, a opção foi pelo uso, em português, da expressão “em comum”. Apesar de algumas traduções optarem por “casa comum” e, mesmo em português, assim se expressarem autoridades como Leonardo Boff (BOFF, 2014).

Embora “comum” também possa ser entendido como “compartilhado”¹², este é o significado exclusivo e inequívoco de “em comum”, evitando, portanto, a ambiguidade.

Com efeito, falar do planeta Terra como lugar de moradia, de vida e convivialidade, respeito, coexistência e responsabilidade, implica utilizar uma

¹⁰ Nome pelo qual ficou conhecido o artista e arquiteto austríaco nascido Friedrich Stowasser (1928~2000)

¹¹ https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2 Acesso em 2022-08-24

¹² “senso comum, amigo comum, responsabilidade comum, interesse comum, ...”

https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#5 Acesso 2022-08-24

Rile/Jile – An International Peer

Reviewed Journal

terminologia que veicule um sentido coerente com os princípios ecosóficos que norteiam a obra em análise e a ecocrítica em geral, defendidos pela autora em seu já mencionado Manifesto da Ecopoesia:

A nova perspectiva da Terra, sugerida pelos novos conhecimentos no campo astronômico e pelas fascinantes imagens que nos chegam do espaço, traz consciência do pequeno lugar que ocupamos no Universo e da nossa não privilegiada presença na Terra. O Humano, portanto, constata seu papel como ator de destruição ou de proteção desta casa em comum e de suas responsabilidades para com este frágil planeta.¹³ (BACH, 2022) (grifos nossos)

Além disso, o pertencimento recíproco, que evoca afeto e responsabilidade, o vínculo inextrincável entre todas as coisas e viventes no planeta, compreensão de que temos responsabilidades “em comum” quanto ao prosseguimento da vida neste nosso lar “em comum”. Nesses contextos, a expressão “em comum” adjetiva o elemento anterior, designando-o como algo compartilhado. Isso já se reveste de grande importância na direção da tomada de consciência ambiental.

Há, porém, uma outra acepção de “comum”: um “comum” substantivo. Um conjunto cujas partes não se apartam porque são indissociavelmente unidas. Um conjunto sem elementos externos, pois tudo o que o compõe está nele integrado. Nesta concepção, não há um conjunto interseção que deixa de fora elementos não compartilhados pois, nele, o compartilhado não é apenas o semelhante: inclui também as diferenças.

Para ilustrar essa concepção, na conferência plenária de encerramento do XVII Congresso Internacional da ABRALIC¹⁴, Antonio Negri trouxe a imagem do Manto de Arlequim, constituído por elementos singulares que, embora inseparáveis, não perdem sua singularidade.

Contra a ideia de “comum” como o mínimo denominador comum entre os indivíduos; também contra um “comum” que apague o indivíduo,

13 “La nuova visione prospettica della Terra, suggerita dalle nuove conoscenze in campo astronomico e dalle affascinanti immagini che ci provengono dallo spazio, ci rende coscienti del nostro piccolo posto nell'Universo e della nostra non privilegiata presenza sulla Terra. L'Uomo, perciò, prende atto del suo ruolo di attore di distruzione o di protezione di questa casa comune e delle sue responsabilità nei confronti di questo fragile pianeta.” (BACH, 2005)

¹⁴ NEGRI, Antonio. *O manto de Arlequim: uma nova política do comum* (online, em 17 JUL 2023)
Rile/Jile – An International Peer
Reviewed Journal

dissolvendo-o no todo, na comunidade, Negri propõe que a relação não mais seja concebida como relação entre elementos primos, e sim como relação de cooperação: “o que queremos promover é um Manto de Arlequim, feito de todas as diferenças ligadas entre si e também dos elementos produzidos por essas dinâmicas.” (NEGRI, 2023)

Trata-se de uma lógica de inclusão, em que a centralidade na cooperação (o fazer “em comum”) substitui a primazia do indivíduo, por compreender que não existe o sujeito a não ser inserido na teia das relações. Assim, Negri substitui a noção de indivíduo pela de “singularidade” (Spinoza), singularidades estas que se constituem permanentemente em relação. Relações dinâmicas não apenas entre as semelhanças, mas entre as diferenças:

A cooperação como processo de transformação das singularidades, não apenas liga, coloca em contato, mas transforma, requalifica. É produção de subjetividade. (...) (a não confundir com identidade, unidade, nem individualidade) (...) A cooperação, assim, sempre produz um excedente que se acrescenta ao que já existe: instaura uma novidade. (NEGRI, 2023)

Esta incessante dinâmica das relações é permanentemente constitutiva de excedentes, de novidades, e é por isso que, conquanto as singularidades não sejam autossuficientes mas sempre dependentes da teia das relações em que se constituem, essa dependência - e interdependência - não é vulnerabilidade e sim potência ontológica. (NEGRI, 2023)

Portanto, ainda segundo Negri, “é preciso pensar o mundo como um conjunto infinito de linhas de relações, de intensidades de vínculos”. Este é “o comum”: “o fato de estarmos sempre produzindo a nós mesmos em relação aos outros, de inventar novos modos de vida, de constituir, produzir, experimentar, de transformar em comum (cooperação), de fazer o comum.” (NEGRI, 2023) (grifos nossos)

Considerações finais

“I am large, I contain multitudes.”

A realidade atual assemelha-se de maneira inquietante ao cruzeiro ficcional: o afastamento literal e metafórico, individual e coletivo, das pessoas que deixam sua vida para trás ao mesmo tempo em que o navio abandona a costa e todos os referenciais conhecidos, mar afora.

Na mesma medida em que a trama da narrativa se esgarça e a coerência se rarefaz para a personagem principal, o leitor é convocado ao protagonismo: as lacunas abertas pela narrativa são convites ao leitor para que as preencha. E convites a que, desvendando as metáforas, assumo-se protagonista de sua vida - individual, social, ambiental.

O grande desafio que a humanidade de fato enfrenta para sobreviver em um planeta assolado por crises é sintetizado na voz de uma das personagens:

Creio que o próximo desafio, o mais traiçoeiro, será o de romper a enorme montanha de inconsciência e irresponsabilidade do mundo atual para escavar uma passagem, uma via que permita uma equilibrada e duradoura sobrevivência de nossa espécie no planeta. Esta será a travessia crucial! Muito mais perigosa que a das antigas colunas de Hércules.¹⁵ (BACH, 2017, p. 44)

Assim também o final do cruzeiro, no romance, é propositadamente inquietante, incerto, aberto, ambíguo: a explosão de luzes que encerra a narrativa tanto aventa quanto alerta para uma possível hecatombe, ao mesmo tempo em que acena com uma potencial esperança: vagalumes, afinal, são luzes vivas no breu.

A força gravitacional é o que mantém os corpos em relação. Se o campo magnético deixasse de existir, os astros ficariam à deriva no espaço sideral. Se o afeto é abandonado, os indivíduos ficam à deriva, isolados, siderados.

Se a Terra não é percebida como um lar, e os outros seres e coisas não são percebidos em sua vitalidade e dignidade de existência, não há como

15 *“Credo che la prossima sfida, quella più insidiosa, sarà quella di spaccare l'enorme montagna di incoscienza e di irresponsabilità del mondo attuale per scavare un varco, una via che permetta un'equilibrata e duratura sopravvivenza della nostra specie sul pianeta. Quello sarà il passaggio cruciale! Molto più pericoloso delle antiche colonne d'Ercole.”*

estabelecer relação. Apenas tangenciam-se as superficialidades ou, pior, os seres utilizam-se uns dos outros e se consomem reciprocamente.

É a partir do reconhecimento do outro que poderá se estabelecer a relação diante da qual cada sujeito se coloca com sua liberdade e consequente responsabilidade.

Será preciso uma nova ética, “...um novo olhar sobre a Terra (mente), vista como um ente vivo e uma nova relação de cuidado e de amor (coração)”, uma atenção afetiva que precede o verdadeiro cuidado, “obedecendo à lógica universal da interdependência de todos com todos e da responsabilidade coletiva pelo futuro comum.”(BOFF, 2014, p. 113) (grifos nossos) Boff sintetiza:

Este novo *ethos* funda uma ética do cuidado de todas as coisas, da cooperação entre todos e da responsabilidade universal pelo futuro comum da Terra e da humanidade. Essa ética esta aberta à manutenção de Gaia, acolhe todos os seres humanos, cuida da biodiversidade, organiza a economia, a política, o mundo dos valores, de tal forma que torna a vida leve e feliz, ou onerosa, sacrificada e ameaçada de morte. Essas são as grandes questões que uma ética planetária, fundada no *ethos* (Casa Comum¹⁶) deve responder adequada e eficazmente. (BOFF, 2014, p. 113) (itálico no original) (grifos nossos)

A partir da leitura da obra de Maria Ivana Trevisani Bach e das reflexões propostas por Antonio Negri, especialmente com fundamento na filosofia de Spinoza, emerge um “comum” que não é adjetivo e sim substantivo; que não é exterior ao sujeito, mas que inclui o próprio sujeito – sem, com isso, anular-lhe a subjetividade, a singularidade, na qual estão incluídas multidões, e que integra a multidão de que cada singularidade faz parte. Multidão de singularidades de seres e coisas.

As infinitas capacidades e necessidades das mulheres e homens de se relacionarem uns com os outros e atuarem juntos na constituição de um mundo novo a partir da compreensão de que a inauguração sem fim da existência seja concebida como fruto de todas as relações que fazem a espessura do real. (NEGRI, 2023)

16 Linhas antes, Boff falara do “futuro comum” e, aqui, coloca a expressão “Casa Comum” como sinônimo de *ethos*.

Scott Slovic, parafraseando Walt Whitmann, disse: “...both ecocriticism and environmental literature ‘are large and contain multitudes’.” (SLOVIC, 1999)

Antonio Negri o disse a propósito do “comum”: “Não se trata de constituir uma identidade, mas sim de sentir-se como uma multiplicidade, um emaranhado de relações, um infinito múltiplo de predicados, ..., uma espécie de multidão dentro de nós.” (NEGRI, 2023) (grifos nossos)

Acrescenta, pouco adiante, que o comum é constituído das relações de cooperação entre estes seres multitudinários e do produto dessas dinâmicas, tratando-se, portanto, de “relações entre constelações.” (NEGRI, 2023)

O comum é uno e multitudinário como Walt Whitman, como o navio de Mariana Trevisani Bach, como o planeta, como você e eu, como o conceitua Antônio Negri, como as constelações, a explosão de luzes que parecem estrelas e que encerram o livro de Maria Ivana Trevisani Bach, final destacado pelo título atribuído inicialmente pela autora e retomado pela tradução ao português: *Lucciole di Cherenkov*, ou seja *Vagalumes de Cherenkov*.

Eis o “comum”, que não é, em si, bom nem mau: será o que, em comum, a humanidade dele fizer.

Referências bibliográficas

BACH, Maria Ivana Trevisani. **Inquietante crociera**. Roma: Europa Edizioni, 2017. (também em Edição do Kindle)

BACH, Maria Ivana Trevisani. **Manifesto di Ecopoesia Italiana**. Disponível em: <http://www.ecopoems.altervista.org/manifesto%20it.html>. Acesso em: 04 jul. 2022.

BOFF, Leonardo. **A Grande Transformação: na economia, na política e na ecologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. Tradução: Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

FULLER, R. Buckminster. **Manual de Instruções da Nave Espacial Terra**. Porto: Via Optima Oficina Editorial, 1998. Tradução: Luís Torres Fontes.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução: Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. (1ª edição: 2004.) 2006.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**. Tradução: Maryalua Meyer. São Paulo: Ubu, 2020.

NEGRI, Antonio. **O Manto de Arlequim**: uma Nova Política do Comum. Conferência plenária de encerramento da ABRALIC 2023. Disponível no *Youtube* TV UFBA (Universidade Federal da Bahia) em: <https://youtu.be/lBtx0T4JIrc?si=1Q0hrPsPmnHTMVvD>. Acesso em: 03 de nov.2023.

RESTANY, Pierre. **El Poder del Arte** – Hundertwasser: El Pintor-Rey con sus Cinco Pielas. Colônia/Alemanha: Taschen, 2003.

SERRES, Michel. **O Contrato Natural**. Tradução: Beatriz Sidoux. RJ: Nova Fronteira, 1991.

SERRES, Michel. **Biogea**. Tradução: Randolph Burks. Minnesota-USA: Univocal Publishing, 2012.

SLOVIC, Scott. **Ecocriticism**: containing multitudes, practicing doctrine. In: ASLE News, Spring, 1999. p.5-6. Disponível em: <https://www.asle.org/wp-content/uploads/ASLE_Newsletters_Spring99.pdf>. Acesso em 03 de nov. 2023.

Outras referências consultadas

* <https://www.amazon.com/Lucciole-Cherenkov-Ecoromanzo-Ecologia-Italiano/dp/1511528494> (edição de 2015, sob o título *Lucciole di Cherenkov*) Acesso em: 27 jun.2022.

* <https://cmpcc.wordpress.com/category/grupos-de-trabajo/07-pueblos-indigenas/> (*Conferencia Mundial de los Pueblos sobre Cambio Climático y Derechos de la Madre Tierra*. Tiquipaya, Cochabamba, Bolivia, 21 de abril de 2010) Acesso em: 22 jul. 2022.

* <https://www.cta-observatory.org/wp-content/uploads/2019/05/Cherenkov-Effect-1024x741.png> Acesso em: 11 dez.2022.

* Dicionários:

www.houaiss.uol.com.br (Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa) Acesso em: 24 ago. 2022.

* <http://www.ecopoems.altervista.org/manifesto%20it.html> (Manifesto de Ecopoesia Italiana) Acesso em: 04 jul. 2022.